

A AULA DE CAMPO EM GEOGRAFIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA ESCOLA

THE GEOGRAPHY LESSON IN FIELD AND ITS CONTRIBUTIONS TO THE TEACHING-LEARNING PROCESS IN SCHOOL

Joel Maciel Pereira Cordeiro

Geógrafo (UEPB). Professor de Geografia da Escola Municipal de Ensino Fundamental “Ulisses Maurício de Pontes”, Sertãozinho (PB).

Aldo Gonçalves de Oliveira

Geógrafo (UEPB). Mestre em Geografia (UFPB). Professor Assistente da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

RESUMO: O presente artigo discute as contribuições das aulas de campo como metodologia de ensino no que se refere às possibilidades da mesma para a educação geográfica na escola. A aula de campo constitui um importante elemento para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, permitindo ir além da simples exposição mecânica dos conteúdos em sala de aula ao possibilitar a compreensão de uma realidade complexa a partir de um dado palpável, além de contribuir para enriquecer a disciplina de Geografia e dinamizar o trabalho do professor. Experiências pessoais obtidas durante práticas de aulas de campo justificam a elaboração deste trabalho, em que pretende-se desenvolver uma discussão sobre os aspectos favorecedores ao ensino da Geografia proporcionados a partir da utilização destas atividades. Por meio dos resultados de pesquisa desenvolvida com alunos do 6º ano do ensino fundamental da escola municipal “Ulisses Maurício de Pontes” em Sertãozinho, no estado da Paraíba e do posicionamento de diferentes autores, procurou-se distinguir os pontos básicos necessários ao reconhecimento da aula de campo como um elemento importante para valorizar o ensino da Geografia, sobretudo por meio do conhecimento do meio onde o aluno está inserido.

Palavras-chave: Ensino da Geografia; metodologias de ensino; aula de campo.

ABSTRACT: *This article discusses the contributions of the field classes as a teaching methodology in relation to the same possibilities for geographical education in school. The class field is an important element for the development of teaching-learning process, allowing to go beyond the simple mechanical exposure of the contents in the classroom to facilitate the understanding of a complex reality from a certain palpable, and contribute to enrich the discipline of geography and streamline the work of teachers. Personal experience gained during practical lessons from the field to justify preparation of this work, where we intend to develop a discussion of the aspects that favor the teaching of Geography provided from the use of these activities. Through the results of research conducted with students from 6th grade elementary school of the local school "Ulisses Maurício de Pontes" in Sertãozinho in the state of Paraíba and the positioning of different authors tried to distinguish the basics needed for the recognition of class field as an important element to enhance the teaching of geography, particularly through the knowledge of the environment that the student is inserted.*

Keywords: *Teaching Geography; teaching methodology; class field.*

INTRODUÇÃO

Nas escolas, no contexto atual, é comum encontrar professores desmotivados, reclamando da falta de interesse dos alunos pelas lições de Geografia. É de se considerar que o ambiente escolar no qual os alunos se inserem todos os dias (salas de aulas cercadas por quatro paredes, carteiras enfileiradas, quadro negro e giz) transformam o ensino em algo monótono e cansativo. Essa configuração da escola reflete a presença da abordagem

tradicional dos conteúdos pelas disciplinas escolares, já que ausenta o debate ou abordagens que favoreçam a discussão ou mesmo compreensão das temáticas.

No que se refere à Geografia escolar, admite-se que os elementos que dificultam ou impedem a motivação dos alunos no processo de ensino-aprendizagem estão ligados ao elevado número de alunos em sala de aula, indisciplina, dificuldades de aprendizagem e desinteresse do aluno; desvalorização do professor; escassez de material didático; poucas oportunidades para realizar atividades extra-classe e para trocar idéias com colegas (CARVALHO, 2004).

Além disso, a abordagem metodológica tradicional, pautada em conteúdos desvinculados da realidade do aluno e com abordagens estáticas ainda predomina em diversas instituições de ensino do país, pois permanece uma tendência ao estudo da Geografia numa perspectiva que prioriza um corpo curricular de assuntos fragmentados, descritivos, com enumeração de dados e limitados à memorização e a identificação de conceitos prontos e acabados (PESSOA, 2007).

Pensando essa realidade do ensino da Geografia no Brasil, observa-se que, desde as últimas décadas do século XX, sobretudo através do movimento de renovação da Geografia acadêmica e escolar, marcado fundamentalmente a partir do Encontro de 1978 da Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB), onde o objetivo principal da educação geográfica é a formação de cidadãos críticos, éticos e participativos na sociedade (CAVALCANTI, 2002).

Assim, para superar os métodos tradicionais de ensino, torna-se necessária uma nova abordagem metodológica que valorize o desenvolvimento dos aspectos cognitivos dos educandos, onde o objetivo da prática educativa não é simplesmente transmitir o conhecimento ao aluno, mas levá-lo a pensar e refletir sobre os conteúdos, além de dar grande destaque à vida social do mesmo, como fator fundamental para o seu desenvolvimento intelectual e moral (PILETTI, 2006).

O professor de Geografia tem à sua disponibilidade diversos recursos didáticos que podem auxiliar no desenvolvimento de uma nova abordagem metodológica no que se refere ao ensino-aprendizagem do conhecimento geográfico escolar. Diferentes recursos como músicas, filmes, internet, poesias, podem despertar a motivação do aluno por tratar-se de inovações para o conhecimento desenvolvido em sala de aula. No entanto, como ressalta Bittencourt (2009), seria preciso aliar recursos didáticos inovadores a uma abordagem metodológica renovada, enfatizando o diálogo, as reflexões, as críticas e os diferentes pontos de vistas a serem discutidos e debatidos pelos alunos.

A aula de campo surge neste contexto como forma de inovação para o trabalho do professor, e como consequência, no despertar de sensações e emoções que não se encontrariam em uma aula tradicional, motivando o aluno a adquirir novos conhecimentos de forma prática e prazerosa (SENICIATO & CAVASSAN, 2004).

Essa metodologia para o ensino de Geografia contribui para uma melhor compreensão dos conteúdos ao relacionar a teoria proposta em sala de aula com os estudos e análises práticas das paisagens do ambiente observado, ampliando os horizontes geográficos ao ir além dos textos e fotografias do livro didático, e permitindo o desenvolvimento de diversas habilidades nos alunos, tais como identificar, distinguir e ampliar o conhecimento adquirido nas instituições de ensino, comparando-o com a realidade do lugar em que os envolvidos estão habituados (THOMAZ JÚNIOR, 1992; FARINA & GUADAGNIN, 2007; OLIVEIRA & ASSIS, 2009). Funciona, dessa forma, como alternativa de inovação metodológica, ajuda o aluno a analisar e refletir sobre a Geografia que o cerca, contribuindo para desenvolver a capacidade de interagir com o conhecimento e com a vida em sociedade.

Tendo como base essas considerações, objetivamos, nesse trabalho, discutir as práticas de aulas de campo como um importante recurso para o processo de ensino-aprendizagem em Geografia. Estabelecemos, como amostra para análise, as experiências com o uso da metodologia realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental “Ulisses Maurício de Pontes” em Sertãozinho, no estado da Paraíba.

Baseamo-nos, nesse sentido, em um conjunto variado de fontes bibliográficas e instrumentos técnicos; entre eles, as pesquisas teóricas, onde analisamos o posicionamento de diferentes autores que discutem a Geografia escolar e a utilização das atividades práticas ligadas à análise do espaço palpável em campo como importante metodologia no desenvolvimento do ensino-aprendizagem desta disciplina escolar.

O modelo de trabalho aqui apresentado segue os procedimentos empregados por Seniciato & Cavassan (2004) que, em trabalho semelhante realizado em escola pública da cidade de Bauru, no estado de São Paulo, utilizaram como base o relato de atividades práticas de aulas de campo, o depoimento de alunos e a aplicação de questionários para analisar, além do conhecimento assimilado pelos alunos, as emoções e sensações desenvolvidas com a aula de campo realizada.

Desta forma, foram realizadas, no decorrer da pesquisa, atividades práticas de aulas de campo com alunos do ensino fundamental, nas quais, analisamos as dimensões naturais, sociais e culturais dos elementos geográficos do espaço local e suas assimilações pelos estudantes no decorrer das atividades desenvolvidas. Para complementar, foram

aplicados questionários aos alunos com perguntas relacionadas aos temas tratados, além de discussões em sala de aula, com os mesmos, para analisar a ampliação do conhecimento geográfico trabalhado com o auxílio das atividades de campo.

Por fim, realizamos um trabalho de compilação dos dados e elaboração do texto, pelo qual avaliamos os resultados da pesquisa realizada com os alunos e a posição de diferentes autores que discutem a utilização das aulas de campo em Geografia, procurando, desta forma, estabelecer uma discussão que possibilite uma maior compreensão da aula de campo enquanto metodologia de ensino.

A GEOGRAFIA ESCOLAR E OS TRABALHOS DE CAMPO

Nas últimas décadas do século XX desenvolveu-se no Brasil e em outros países um movimento em torno da renovação da Geografia acadêmica e escolar. Segundo Cavalcanti (2002) o movimento de renovação da Geografia passou a ser desenvolvido no Brasil no final da década de 1970, tratando-se de um movimento voltado para mudanças significativas em torno de propostas de pesquisa e ensino.

Com o movimento de renovação desenvolveu-se novas formas de se pensar e discutir o espaço social como objeto de estudo da Geografia (SANTOS, 2004). Acompanhando esta perspectiva, houve também mudanças nos objetivos da Geografia para a formação do próprio aluno. Deste modo, o ensino desta disciplina ganharia conteúdos significativos na formação do aluno e contribuiria de forma expressiva para o desenvolvimento do educando como cidadão crítico, ético e participativo na vida da sociedade (BRASIL, 1998a).

No entanto, para concretização desses objetivos, adverte Kaercher (2004) que é preciso que haja uma mudança metodológica que altere a relação professor/aluno, pois, segundo ele, “não adianta mudar os ‘rótulos’ ou ‘slogans’ e continuando usando a geografia da sala de aula como algo chato e distante do cotidiano do aluno” (KAERCHER, 2004, p. 222). O educador precisa trazer novas metodologias de ensino para sala de aula e desta forma estabelecer de maneira coerente a ligação entre os conteúdos estudados e a realidade do aluno. Desta forma, poder-se-ia levar os educandos a interagirem nas aulas, favorecendo o diálogo, a troca de experiências e o desenvolvimento do conhecimento de forma prática e precisa.

A busca de novas metodologias de ensino com ênfase no desenvolvimento cognitivo do aluno e o emprego de recursos didáticos e metodologias inovadoras

representam a maneira mais adequada para despertar a motivação e o interesse do aluno pelo conhecimento geográfico a ser desenvolvido em sala de aula.

O professor de Geografia tem à sua disponibilidade diversos recursos que podem ser aplicados dentro (e fora) da sala de aula para auxiliar na aprendizagem do aluno e dinamizar o ensino da Geografia, tais como “o trabalho com diferentes fontes documentais, imagens, música, estudo do meio, leitura de textos mais complexos e reflexivos, dramatizações, pesquisas, etc.” (BRASIL, 1998a, p. 97).

Através do trabalho com abordagens metodológicas inovadoras, aliadas a utilização de diferentes recursos didáticos, o aluno percebe que os conteúdos geográficos podem ser registrados e analisados por diferentes formas de linguagem, inclusive visuais, auditivas ou de tamanho proporcional ao natural. Esse posicionamento faz com que o educando perceba que a Geografia vai além de algumas páginas de um livro, ou de uma sala de aula, mas que a mesma pode ser presenciada em diversos meios que o próprio aluno vivencia em seu cotidiano.

Dentre os recursos para auxiliar no ensino da Geografia, as aulas de campo aparecem como um instrumento eficiente para o estabelecimento de uma nova perspectiva na relação aluno/aprendizagem, pois o aluno passa a “ver” a Geografia em vez de “ler” a Geografia, permitindo assim, uma maior compreensão do espaço geográfico.

De acordo com Brasil (1998b, p. 126):

[...] Esses trabalhos contemplam visitas planejadas a ambientes naturais, a áreas de preservação ou conservação, áreas de produção primária (plantações) e indústrias, segundo os diferentes planos de ensino do professor [...] Além de unidades de conservação, deve-se considerar a riqueza do trabalho de campo em áreas próximas, como o próprio pátio da escola, a praça que muitas vezes está a poucas quadras da escola, as ruas da cidade, os quintais das casas, os terrenos baldios e outros espaços do ambiente urbano, como a zona comercial ou industrial da cidade (BRASIL, 1998b, p. 126).

As aulas de campo possibilitam ao aluno o desenvolvimento de diversas habilidades, tais como observar e analisar as paisagens, estabelecendo, de forma prática, o estímulo à pesquisa, além de possibilitar ao estudante aproximar o conteúdo e o conhecimento desenvolvido na escola com o espaço que o mesmo está habituado:

[...] A aula de campo é uma atividade extra-sala/extra-escola que envolve, concomitantemente, conteúdos escolares, científicos (ou não) e sociais com a modalidade espacial; realidade social e seu complexo amalgamado material e imaterial de tradições/novidades. É um movimento que tende elucidar sensações de estranheza, identidade, feiúra, beleza, sentimento e até rebeldia do que é observado, entrevistado, fotografado e percorrido (OLIVEIRA & ASSIS, 2009, p. 196).

Thomaz Júnior (1992, p. 21) caracteriza o trabalho de campo como uma alternativa concreta de se viabilizar teoricamente o propósito de ultrapassar a reflexão intra-sala de aula, como forma de executar ou praticar a observação da realidade; sendo assim, um momento ímpar do exercício da práxis teórica.

Com relação à Geografia, as atividades práticas de aulas de campo constituem um elemento importante para superar as dicotomias existentes entre Geografia física e humana no decorrer do ambiente observado. “O trabalho de campo é um instrumento chave para a superação dessas ambigüidades, não priorizando nem a análise dos chamados fatores naturais nem dos fatores humanos (ou ‘antrópicos’)” (SERPA, 2006, p. 9-10).

Wooldridge & East (1967) indicam os trabalhos em campo de fundamental importância para a compreensão de mapas cartográficos. Segundo estes autores muitos estudantes no decorrer dos diversos estágios de ensino não têm uma formação adequada à comparação dos mapas com o terreno. Portanto “as convenções cartográficas são aprendidas, e os problemas simples de inter-visibilidade são tratados com a paisagem diante dos olhos e o mapa nas mãos” (WOOLDRIDGE & EAST, 1967, p. 174).

Para Lacoste (2006) os trabalhos de campo devem ser efetuados em diversos meses e até anos de pesquisa, necessitando de contato e convivência com o lugar pesquisado. Segundo o mesmo, as excursões de ônibus onde “os professores, nas diferentes paradas que previam no percurso, fazem um discurso diante dos estudantes passivos” (LACOSTE, 2006, p. 85), são inadequadas por servirem apenas de iniciação à pesquisa. Em contrapartida, Alentejano & Rocha-Leão fazem a seguinte observação diante das afirmações de Lacoste:

[...] se estas excursões forem previamente preparadas, instigando-se os alunos a problematizar o que vão ver, a preparar o que vão perguntar e refletir acerca do que vão observar, pode representar uma importante contribuição para o processo de formação destes como pesquisadores (ALENTEJANO & ROCHA-LEÃO, 2006, p. 63).

Os mesmos autores também destacam que os trabalhos de campo são propícios para uma melhor compreensão do espaço geográfico, mas chamam a atenção para adequar os objetivos da pesquisa a ser desenvolvida, de modo que esta não seja entendida como simples passeio pelos estudantes: “trabalho de campo é fundamental, mas, se realizado desarticulado do método e da teoria, torna-se banal” (ALENTEJANO & ROCHA-LEÃO, 2006 p. 53).

Podemos observar ainda, a importância de uma orientação pedagógica necessária a utilização adequada da dialética e os trabalhos de campo. “A didática devia comportar uma oscilação dialética entre o campo e os exercícios na sala de aula: estudos

de documentos, exposições orais, discursos [...]. Após o campo, é necessário extrair conclusões, ampliar conhecimentos” (TRICART, 2006, p. 108). Ao referirem-se sobre a relação professor/aluno, favorável ao desenvolvimento das atividades práticas de aulas de campo, Matheus complementa:

[...] A atividade de campo passa a ser um momento de construir e de compartilhar o novo com o aluno e de aproximar o conhecimento teórico, lógico, ao experimentado, ao empírico. Ela também dá sentido e prazer ao fazer pedagógico, a que se propõe o educador (MATHEUS, 2007, p. 143).

Para que haja um melhor resultado no desenvolvimento do conhecimento e da formação do aluno é de fundamental importância a utilização de novas metodologias e recursos de ensino para que, desta forma, o aprendizado não seja atribuído a algo chato, monótono, cansativo, devido ao fato de se colocar como distante da realidade do aluno.

As contribuições que as aulas de campo proporcionam ao trabalho do professor e o auxílio que elas representam para a compreensão dos conteúdos pelos alunos, demonstram que este recurso deveria ser mais utilizado nas instituições de ensino para aumentar o conhecimento geográfico e a valorização da Geografia na sala de aula. Tentando levantar as contribuições desse recurso didático para o desenvolvimento do ensino de Geografia de forma dinâmica, foi desenvolvida uma atividade que será discutida a seguir.

O DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES PRÁTICAS DE AULAS DE CAMPO: AS BASES TEÓRICAS DESENVOLVIDAS EM SALA DE AULA

Pensando as possibilidades da aula de campo para o ensino de Geografia, foi desenvolvido um conjunto de atividades envolvendo 32 alunos de idade entre 9 e 12 anos, matriculados no 6º ano na Escola Municipal de Ensino Fundamental “Ulisses Maurício de Pontes” em Sertãozinho, no estado da Paraíba. Realizou-se, inicialmente, um diálogo com os alunos da turma a respeito dos conteúdos que seqüencialmente seriam estudados na busca de situar os objetivos de aprendizagem. Depois, discutiu-se a proposta da realização de uma aula de campo para ampliar o conhecimento dos conteúdos geográficos preestabelecidos e dar significado real aos temas tratados em sala de aula.

Na primeira parte das atividades, foram desenvolvidas aulas teóricas na escola onde abordaram-se as seguintes temáticas: degradação do meio ambiente, biogeografia, biodiversidade e vegetações brasileiras (em especial a Mata Atlântica e a Caatinga). Em classe, os conteúdos passaram a ser discutidos primeiramente por meio de aulas expositivas, dialogadas, nas quais foram explicados aos alunos, de forma descritiva, os principais problemas ambientais que perturbam o equilíbrio natural do planeta e, ao mesmo

tempo, eram citados alguns destes problemas que são comuns de serem observados no município de Sertãozinho, tais como deposição de resíduos sólidos, poluição dos recursos hídricos e desmatamento.

Nas aulas subseqüentes foram desenvolvidas atividades de leitura, interpretação de textos e estudos dirigidos no âmbito dos temas degradação do meio ambiente, vegetações brasileiras e biogeografia, utilizando como referência para estudo o livro didático “Geografias do Mundo” de Carvalho & Pereira (2006). O objetivo, nesse momento, é aprofundar a compreensão dos alunos sobre as temáticas tratadas a partir da busca por desenvolvimentos de conceitos relativos às temáticas desenvolvidas. Também foram solicitadas aos alunos da referente turma que realizassem um trabalho de pesquisa relacionado a espécies animais e vegetais do município a ser desenvolvido a partir de perguntas e/ou questionamento a moradores antigos da região (pais, avós, vizinhos), para conhecer melhor a biodiversidade local através dos relatos dos mesmos.

Aproveitando os resultados da pesquisa realizada pelos alunos, procurou-se, por meio de buscas na internet, encontrar fotos, imagens e ilustrações das respectivas espécies apresentadas. Estas imagens foram utilizadas para elaborar uma aula expositivo-ilustrativa com ajuda de dispositivo de multimídia (leitor e projetor de imagens); ampliando, desta forma, o conhecimento dos alunos sobre a biodiversidade do município de Sertãozinho a partir da operacionalização de conceitos no cotidiano dos alunos. Esse momento marcou a última etapa das aulas teóricas na escola antes da ida ao campo. A partir destas, partiu-se para a segunda etapa das atividades, que constituiu-se na realização de aulas de campo para relacionar os conteúdos teóricos a uma realidade palpável, dando mais ênfase ao significado dos assuntos tratados.

TRANSFORMANDO O CONHECIMENTO TEÓRICO EM PRÁTICA: A REALIZAÇÃO DAS ATIVIDADES DE AULAS DE CAMPO

Ao levar a turma a campo pretendia-se identificar as espécies vegetais da Caatinga e Mata Atlântica que podem ser encontradas no espaço vivenciado pelos alunos e suas respectivas classificações (xerófitas, caducifólias, perenifólias). Almejava-se chamar a atenção dos estudantes sobre a importância da preservação desses biomas para a garantia de sobrevivência da diversidade de espécies, animais e vegetais, que correm o risco de desaparecer devido à degradação provocada pelo homem; também, despertar a conscientização ecológica dos mesmos ao fazê-los observar e sentir, *in loco*, a natureza, assim como os problemas provocados no meio ambiente pela ação humana.

O lugar da aula de campo foi escolhido de forma intencional por ser próximo à cidade e por atender as exigências dos conteúdos pressupostos em sala de aula: ocorrência de diversas espécies vegetais da Caatinga, como a jurema preta (*Mimosa nigra*), o juazeiro (*Zizipus joazeiro*), mandacaru (*Cereus jamacaru*), sabiá (*Mimosa caesalpiniaefolia*) e da Mata Tropical a exemplo do pau d'arco (*Tabebuia chrysotricha*), o jenipapeiro (*Jenipa americana*) e o cajueiro (*Anacardium occidentale*), além de um açude onde há indícios de resíduos sólidos depositados no mesmo. Também ocorrem algumas espécies de animais como o anu (*Crotophaga ani*), a jaçanã (*Jacana spinosa*) e alguns insetos.

Uma das intenções principais da aula de campo é levar a turma a compreender a paisagem cultural (a união de elementos naturais e construídos pelo homem em determinado espaço), entendendo as relações biológicas, sociais e econômicas que a estruturam (BIBIANO, 2010). Por situar-se próximo à escola, o percurso da aula de campo foi realizado por meio de caminhadas desde o início. Em algumas paradas previstas no percurso, aproveitou-se o aspecto da vegetação local para serem analisadas junto com os alunos algumas características das espécies da Caatinga e da Floresta Tropical.

Ao lado de árvores como jurema preta (*Mimosa nigra*), sabiá (*Mimosa caesalpiniaefolia*), jenipapeiro (*Jenipa americana*) e cajueiro (*Anacardium occidentale*), teve-se a oportunidade de esclarecer aos alunos que as plantas pertencentes à Caatinga (jurema e sabiá) possuem adaptações ao clima seco, tais como folhas pequenas que caem na época da seca (plantas caducifólias), e a presença de espinhos para facilitar na transpiração das mesmas no período do ano desfavorável. Por outro lado, as espécies pertencentes à Mata Atlântica (jenipapeiro e cajueiro) geralmente são de portes maiores comparadas as da Caatinga, possuem as folhas largas e verdes o ano inteiro (perenifólias e latifoliadas).

Também foi discutido com os alunos que Sertãozinho localiza-se em uma área de transição entre estas formações vegetais, motivo pelo qual aparecem espécies tanto de um bioma quanto de outro, conforme afirma Alves (2008, p. 63): as espécies vegetais da depressão sub-litorânea (na qual Sertãozinho faz parte) mostram-se acatingadas, com a maioria das espécies caducifólias e espinhosas. E ainda ressalta: ao lado das espécies da Caatinga, encontram-se espécies da mata úmida, o que talvez indique o seu caráter de transição entre esses biomas.

No decorrer do percurso foi notável a ansiedade dos alunos e a curiosidade em aprender mais sobre os elementos observados: “professor, que árvore é aquela?”; “a qual classificação pertence àquela árvore?”; “professor, por que as árvores da Caatinga perdem as folhas durante a estação seca?”; “professor, ali tem um cacto, ele é da Caatinga, não é?”.

“Sair do ambiente escolar, por si só, gera um efeito geralmente positivo sobre o interesse dos alunos pelo conteúdo” (FARINA & GUADAGNIN, 2007, p. 111).

No campo foram colhidas amostras de folhas e galhos de plantas, fornecendo aos alunos algumas características de classificação em relação à Caatinga ou a Mata Tropical. Também foi esclarecido aos alunos que a intervenção humana nesses biomas com práticas de queimadas e derrubadas da vegetação nativa vem a cada dia pondo em risco as espécies de seres vivos que dependem desse ambiente para sobreviver.

Dando seguimento a excursão notou-se jogados na margem da estrada algumas sacolas plásticas, embalagens de biscoitos e papéis, o que serviu como pretexto para explicar aos alunos que, às vezes, eles mesmos praticam a poluição do meio ambiente sem perceber, ao atirar embalagens, garrafas, sacolas plásticas ou papéis nas estradas quando estão caminhando ou dentro de carros e ônibus.

Chegando próximo ao açude notou-se a presença de resíduos sólidos depositados no mesmo (isopor, garrafas pet, sacolas plásticas), o que servia de base nas explicações sobre os problemas e as conseqüências da degradação do meio ambiente para o ser humano, em especial a poluição dos recursos hídricos, justificando a própria perda para a população local que não pode usufruir da água do açude para determinados fins domésticos, como cozinhar, beber e banhar-se.

No ponto final da aula de campo viveu-se um momento instigante com os alunos, um momento de pesquisa e análise que apenas uma aula de campo pode oferecer: em frente ao açude, na sombra de uma mangueira, reunimos a turma para desfrutarmos do momento, sentindo a brisa bater no rosto, o balançar das folhas nas árvores, o vôo das jaçanãs à beira d'água, o diálogo envolvente, as risadas, a sensação de liberdade, enfim um momento diferente tanto para os alunos quanto para o professor, por que também as sensações fazem-se presentes no processo de apreensão dos elementos do espaço geográfico:

[...] É nessa perspectiva que considero importante sair do espaço escolar, mais formal, com papeis definidos e cadeiras ordenadas, para um local que nos permita desfrutar emoções, compartilhar, cantar, rir, quem sabe proporcionar um novo olhar ao que já está dado (MATHEUS, 2007, p. 142).

Uma saída a campo constitui um elemento fundamental para dinamizar o ensino da Geografia e integrar os alunos em novos conhecimentos, pois a diversidade de elementos encontrados no espaço observado influencia na curiosidade do aluno e na aprendizagem de coisas novas, assim como favorece o diálogo e uma melhor relação entre professores e alunos.

Por meio destas atividades observamos que as aulas de campo despertam a motivação do aluno e contribuem para aproximar o mesmo do conhecimento geográfico, além de permitir ao educando vivenciar aquilo que foi discutido em sala de aula, comprovando as diferenças e semelhanças da realidade geográfica dos lugares visitados, aproximando, portanto, o alunado dos temas expostos. Além disso, possibilita o processo de estabelecimento de relações com outras abordagens metodológicas, como o livro didático.

As atividades realizadas no decorrer da aula de campo demonstraram-se satisfatórias junto aos objetivos preestabelecidos. É de se concordar que:

[...] Além da fuga das paredes escolares (fundamental, sadia e necessária), que já serve como uma motivação para o trabalho e para o surgimento de interesse, o estudo de caso específico tem como retorno imediato a atribuição de significado ao conteúdo que esta sendo estudado (FARINA & GUADAGNIN, 2007, p. 118).

O RETORNO À SALA DE AULA: EXTRAINDO CONCLUSÕES, AMPLIANDO CONHECIMENTOS

Nas aulas seguintes, após a atividade de campo, foram elaboradas discussões em sala de aula com os alunos, organizadas em círculos, onde foram debatidos alguns elementos analisados no decorrer da aula de campo, tais como: os problemas ambientais do município que foram observados; as espécies animais e vegetais, o que se pode fazer para preservá-los; como cada um de nós pode contribuir para preservar o meio ambiente, dentre outros assuntos. Buscou-se, nesse sentido, despertar a interação e o diálogo dos alunos com o professor, instigando-os a darem suas opiniões, fazer suas críticas ou comentários sobre os temas abordados tanto nas aulas teóricas como na aula de campo:

[...] a atividade de retorno à sala de aula completa aquilo que no campo escapou, ficou subentendido ou mal-entendido. Ela ultrapassa o momento de reunião das entrevistas, fotografias e a narração das melhores vivências (OLIVEIRA & ASSIS, 2009, p. 201).

E por fim, desenvolvemos uma atividade com os alunos para analisar a construção do conhecimento a partir dos conceitos trabalhados, bem como suas observações a respeito do ambiente visitado, além das emoções e motivação com relação ao conhecimento geográfico despertados com a aula de campo.

Tanto nas discussões em sala de aula quanto na atividade, ao interrogá-los sobre o que eles mais gostaram na aula de campo, obtiveram-se respostas bem diversificadas: desde a análise da paisagem, observação da natureza, os animais e as espécies vegetais, até respostas relacionadas a aspectos emocionais como diversão e tranquilidade, conforme aparece na **figura 1**.

No questionário foi elaborada uma questão para analisar quais os aspectos da paisagem observada atraiu mais a atenção do aluno: “Você achou o lugar visitado: feio (); bonito (); por quê? 31 alunos responderam que acharam o lugar bonito e apontaram diversas justificativas: “porque é um lugar calmo, cheio de plantas e animais”; “porque é uma paisagem natural e tranqüila”; “por causa da natureza”; “porque o açude é enorme e tem muitas árvores”. Dois alunos consideraram o lugar feio e apontaram a poluição do açude como fator fundamental para suas conclusões: “porque o açude estava poluído”; “porque havia lixo no açude”. Para além da aparência esses questionamentos buscaram verificar o efeito didático da aula de campo no desenvolvimento da temática proposta pelo professor.

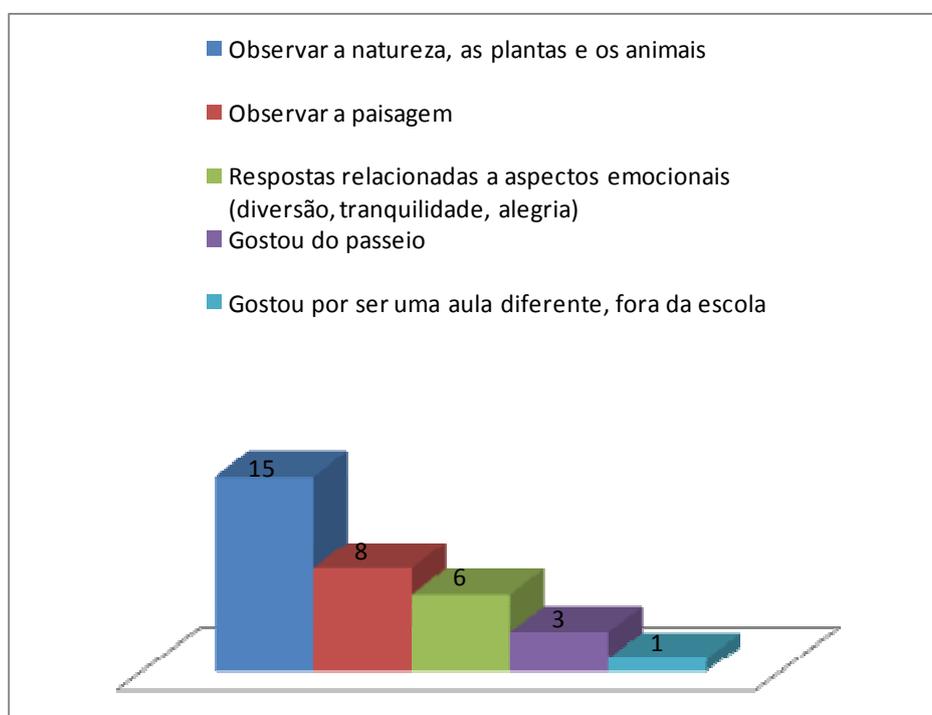


Figura 1 - Frequência de justificativas apresentadas pelos alunos com relação à seguinte questão: “O que você mais gostou na aula de campo?”

Ao questioná-los: “Quais os elementos do conteúdo visto em sala de aula você observou no decorrer da aula de campo?”, 26 alunos conseguiram estabelecer de forma coerente a relação entre a teoria pressuposta em sala de aula com a aula prática desenvolvida no ambiente extra-escolar: “as plantas da Caatinga e da Mata Atlântica: cajueiro, jurema, juazeiro”; “plantas caducifólias, xerófitas, árvores da Mata Atlântica”; “árvores caducifólias como a jurema preta e a sabiá”; “as plantas da Caatinga como o cacto que tem espinhos no lugar de folhas”; “a degradação do meio ambiente, as árvores da Caatinga e da Mata Atlântica”, e outras inúmeras afirmações.

No questionário foi solicitado que os alunos caracterizassem as espécies da Caatinga e da Mata Atlântica e depois dessem alguns exemplos: 22 alunos caracterizaram as espécies da Caatinga e deram exemplos: “tem espinhos e folhas pequenas. O juazeiro e a jurema preta”; “tem espinhos e algumas não tem folhas como o mandacaru”; “a jurema e a sabiá, porque tem espinhos e perdem as folhas no verão”; 9 (nove) alunos deram apenas os exemplos e 2 (dois) alunos deixaram a questão em branco.

Com relação à Mata Atlântica, 18 alunos caracterizaram as espécies de forma coerente: “o cajueiro porque é perenifólia e tem as folhas grandes”; “tem folhas grades e são verdes o ano inteiro, por exemplo: o cajueiro e o pau d’arco”; “elas são grandes e sempre verdes como o pau d’arco e o pau-brasil”; 7 alunos deram apenas os exemplos e 8 responderam de forma incorreta ou deixaram a questão em branco.

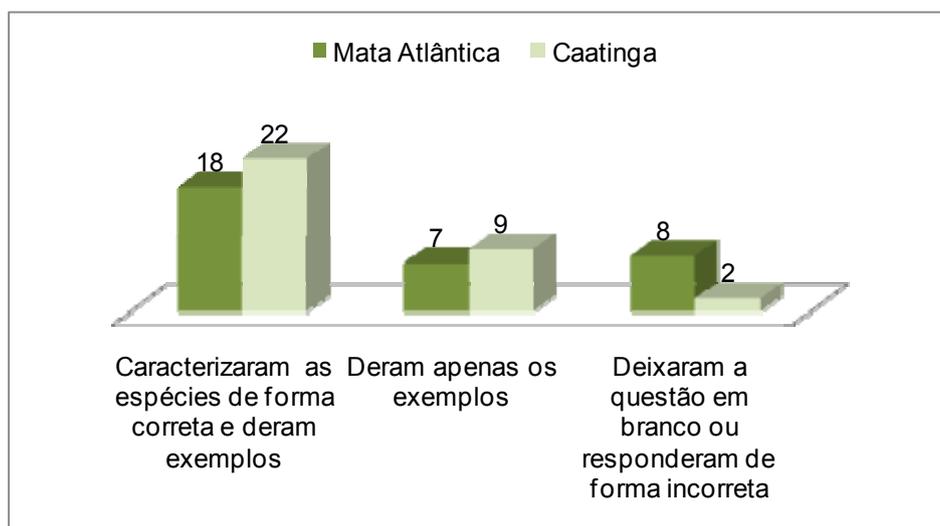


Figura 2 - Comparação das respostas sobre a caracterização das formações vegetais: Caatinga e Mata Atlântica.

Como se pode observar na Figura 2, houve uma diferença no número de respostas corretas com relação às características da Caatinga e da Mata Atlântica. De certa forma, no ambiente da aula de campo havia uma maior ocorrência em número e diversidade de espécies da Caatinga que da Mata Tropical, o que talvez tenha influenciado nas respostas. Alguns alunos inclusive deram exemplos de espécies da Mata Atlântica que não estavam presentes no lugar observado, como o pau-brasil (*Caesalpinia echinata*) e a pitombeira (*Talisia esculenta*).

A AULA DE CAMPO: UMA METODOLOGIA DE ENSINO

Por tudo o que foi discutido, torna-se conveniente considerar a Geografia como uma das disciplinas escolares em que a aula de campo pode ser utilizada como metodologia de ensino adequada para o tratamento das temáticas. Se esse método desencadeia diversos aspectos positivos – relacionam a teoria com a prática, proporciona uma melhor compreensão do espaço, quebra a rotina dos estudos, motivam o interesse pela disciplina – é adequado que o educador passe a utilizar mais as aulas de campo em Geografia para dinamizar essa disciplina a partir de um processo de renovação metodológica.

O emprego deste recurso didático contribui de forma significativa para estabelecer uma visão mais ampla acerca da Geografia que o aluno encontra no espaço vivenciado pelo mesmo, além de tornar esta disciplina escolar mais prática, dinâmica e descontraída. Não obstante, esse recurso atua ainda como facilitador do trabalho pedagógico, dando mais significado e propósito aos conteúdos discutidos com os alunos em sala de aula.

Ressalta-se, entretanto, que as aulas de campo, assim como as demais metodologias de ensino, constituem apenas em possibilidades de desenvolvimento de temáticas. Elas não resolvem os problemas da ausência de identidade do conhecimento escolar com o cotidiano dos alunos. É necessário, nesse sentido, que o professor insira os alunos no processo de construção dos conhecimentos, a partir dos elementos de pesquisa, mediados pela observação, análise, síntese e reflexão dos conteúdos desenvolvidos. O professor deve transformar a aula em um espaço aberto para o diálogo e o desenvolvimento da capacidade de pensar e refletir no aluno, porque “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 22).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As contribuições que o uso dos diferentes recursos de ensino proporciona ao trabalho do professor e o seu auxílio no processo de ensino-aprendizagem da Geografia escolar demonstram que variar as técnicas didáticas empregadas no decorrer do ano letivo constitui uma alternativa para dinamizar as aulas e despertar a motivação do aluno pelo conhecimento geográfico.

A aula de campo como recurso didático proporciona diversos elementos favorecedores ao desenvolvimento do conhecimento geográfico que dificilmente seriam encontrados em aulas teóricas apresentadas em sala de aula cercadas por quatro paredes, contribuindo assim, para ampliar o conhecimento geográfico e o interesse do aluno por esta disciplina escolar.

As atividades práticas realizadas com os alunos do 6º ano do ensino fundamental da escola “Ulisses Maurício de Pontes” contribuíram de maneira significativa para o desenvolvimento de diversos conceitos, procedimentos e atitudes relacionados à Geografia do meio vivenciado pelos próprios alunos.

Estas atitudes são proveitosas para desenvolver no educando a capacidade de interagir com o conhecimento e com a vida da sociedade. Aproveitando esta facilidade, a formação do aluno ganha mais sentido no objetivo de progressão crítica, ética e participativa frente ao espaço social no qual a mesmo está inserido.

REFERÊNCIAS

- ALENTEJANO, Paulo; ROCHA-LEÃO, Otávio. Trabalho de campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado? **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 84, p. 51-67, jul./2006. Disponível em: <<http://www.agbsaopaulo.org.br/node/156>>. Acesso em 21 abril 2010.
- ALVES, José Jakson Amâncio. **Biogeografia**. João Pessoa: Do Autor: 2008.
- BIBIANO, Bianca. Vamos a campo! **Nova Escola**, ano XXV, n. 235, p. 110-111, set./2010.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998b.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998a.
- CARVALHO, Marcos Bernardino de; PEREIRA, Diamantino Alves Correia. **Geografias do Mundo**. São Paulo: FTD, 2006 (Coleção Geografias do Mundo / 6º ano do Ensino Fundamental).
- CARVALHO, Oneide de. **Elementos favorecedores e inibidores da criatividade na prática docente, segundo professores de Geografia**. 2004. 82 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Católica de Brasília - Campus II. Brasília.
- CAVALCANTI, Lana de Sousa. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.
- FARINA, Bárbara Cristina; GUADAGNIN, Fábio. Atividades práticas como elementos de motivação para a aprendizagem em geografia ou aprendendo na prática. *In*: REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; KAERCHER, Nestor André. **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e terra, 1996. (Coleção Leitura).
- KAERCHER, Nestor André. O gato comeu a geografia crítica? Alguns obstáculos a superar no ensino-aprendizagem de geografia. *In*: PONTUSCHKA, Nídia Nacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. (Org.). **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- LACOSTE, Yves. A pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 84, p.

77-92, jul./2006. Disponível em: <<http://www.agbsaopaulo.org.br/node/156>> Acesso em 21 abril 2010.

MATHEUS, Elizabeth Helena Coimbra. O que há por trás de uma panela? Uma atividade de campo como trajetória a um olhar geográfico. *In*: REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; KAERCHER, Nestor André. **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Artmed. 2007.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de; ASSIS, Raimundo Jucier Sousa de. Travessias da aula em campo na geografia escolar: a necessidade convertida para além da fábula. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n. 1, p 195-209, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br>> Acesso: em 14 abril 2010.

PESSOA, Rodrigo Bezerra. **Um olhar sobre a trajetória da Geografia Escolar no Brasil e a visão dos alunos de ensino médio sobre a geografia atual**. 2007. 130 p. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual da Paraíba. João Pessoa.

PILETTI, Claudino. **Didática geral**. 23 ed. São Paulo: Ática, 2006.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova: da crítica à geografia a uma geografia crítica**. 6 ed. São Paulo: EDUSP, 2004. (Coleção Milton Santos, 2).

SENICIATO, Tatiana; CAVASSAN, Osmar. Aulas de campo em ambientes naturais e aprendizagem em ciências: um estudo com alunos do ensino fundamental. **Ciência e Educação (Bauru)**, Bauru, v. 10, n. 1, p. 133-147. Disponível em: <<http://www.scielo.br>> Acesso em: 26 abril 2010.

SERPA, Ângelo. O trabalho de campo em geografia: uma abordagem teórico-metodológica. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 84, p. 07-23, jul./2006. Disponível em: <<http://www.agbsaopaulo.org.br/node/156>> Acesso em 21 abril 2010.

THOMAZ JÚNIOR, Antônio. Trabalho de campo: o laboratório por excelência do geógrafo. *In*: **Geografia passo-a-passo: ensaios críticos dos anos**. Presidente Prudente: Centelha, 2005. Disponível em: <<http://www4.fct.unesp.br/ceget/LivroGeogpassoapasso.pdf>> Acesso em 24 abril 2010.

TRICART, Jean. O campo na dialética da Geografia. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, n. 19, p. 104-110, 2006. Disponível em: <<http://www.geografia.fflch.usp.br>> Acesso em 24 abril 2010.

WOOLDRIDGE, S. W.; EAST, W. G. **Espíritos e propósitos da Geografia**. Rio de Janeiro: Zahar: 1967.

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

CORDEIRO, Joel Maciel Pereira; OLIVEIRA, Aldo Gonçalves de. A aula de campo em geografia e suas contribuições para o processo de ensino-aprendizagem na escola. **Geografia (Londrina)**, Londrina, v. 20, n. 2, p. 099-114, maio/ago. 2011.
URL: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia>>

EDITOR DE SEÇÃO:

Rosely Sampaio Archela

TRAMITAÇÃO DO ARTIGO:

✓ Recebido em 24-11-2010

✓ Aceito para publicação em 29-12-2011